

QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS E DE GÊNERO NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA E SUAS REVERBERAÇÕES NO ÂMBITO ESCOLAR

Ethnic-racial and gender issues in childhood and adolescence and their reverberations in the school context

Fernando Lionel Quiroga

Universidade Estadual de Goiás - UEG
quirogapesquisa@hotmail.com

Beatriz Aparecida Paolucci

Universidade Federal de Goiás – UFG
paoluccibeatriz@gmail.com

Resumo: Este ensaio consiste em uma reflexão acerca de alguns aportes da sociologia contemporânea acerca de problemas decorrentes das desigualdades sociais e de gênero na infância e na adolescência. Delineamos algumas características de pesquisas sobre o tema especialmente a partir da microsociologia de Bernard Lahire, e suas reverberações no âmbito brasileiro, especialmente por meio do estudo de trajetórias escolares e histórias de vida. Avançamos enfatizando as contribuições deste campo de investigação no sentido de compreender, por meio de uma sociologia em escala individual, as razões que se amalgamam às instituições contemporâneas quanto aos processos de socialização e suas consequências sociais, como a exclusão social e os problemas relacionados às questões de gênero e o fracasso escolar destes grupos.

Palavras-chave: Questões étnico-raciais; Gênero; Infância e Adolescência; Escola.

Abstract: This essay is a reflection on some contributions of contemporary sociology about problems arising from social and gender inequalities in childhood and adolescence. We outline some characteristics of the research on the subject, especially from the microsociology of Bernard Lahire, and its reverberations in the Brazilian context, especially through the study of school trajectories and life stories. We proceed by emphasizing the contributions of this field of investigation in order to understand, through a sociology on an individual scale, the reasons that amalgamate with contemporary institutions regarding socialization processes and their social consequences, such as social exclusion and problems related to the issues of gender, and the school failure of these groups.

Keywords: Ethnic-Racial Issues; Gender; Childhood and Adolescence; School.

INTRODUÇÃO

As questões relativas à desigualdade social e de gênero na infância e adolescência constituem um complexo campo de investigação já que, aparentemente, trata-se de um conjunto de objetos que, sob a influência da tradição racionalista, tendemos a pensá-los como campos autônomos. Se, por um lado, a ampliação demasiada do lócus nos coloca diante do risco de dissipar a visão, impedindo que cheguemos a conclusões e a compreensão das leis que são relativas a determinados problemas; por outro, a não inclusão ou a não conjugação de objetos aparentemente autônomos pode nos induzir a pensar apenas uma fração dos problemas, levando-nos a um risco ainda maior: o de compreender os fenômenos obrigando-nos a substituir o resultado pelo processo.

A fusão temática às vezes torna-se fundamental pelo seu caráter intrínseco, de uma complementariedade sem a qual não se poderia falar de um sem o outro. Neste ensaio partimos deste pressuposto. Não podemos compreender os problemas étnico-raciais e de gênero sem considerar, por exemplo, nossa herança colonial forjada no racismo, do sexismo e da homogeneidade cultural que chega até nossos dias, bem como as desigualdades sociais decorrentes deste processo.

A partir disso, compreender de que modo tais aspectos são determinantes nas trajetórias escolares torna-se essencial para o entendimento acerca da função da escola, bem como de seus mecanismos simbólicos e materiais que contribuem para legitimar, por meio de uma lógica reprodutivista, os elementos conservadores que a mesma escola pretende combater, e que resultam, fatalmente, no fracasso escolar, profissional e, finalmente, de vida.

A consequência política de maior gravidade decorrente deste trágico encadeamento resultaria, em última instância, na produção do ressentimento enquanto estrutura fundante da sociedade (Santos, 2018) e sua consequente vulnerabilidade e suscetibilidade para as políticas de desinstalação do Estado e perpetuação do neoliberalismo.

PROBLEMAS SOCIAIS DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA ESCOLAR

Os estudos sobre a infância e a juventude¹ possuem um ponto de convergência quanto as relações que estes grupos estabelecem com as instituições e os processos de socialização contemporâneos: a ideia de que os conceitos de infância e juventude não admitem uma concepção de tipo ideal, absoluto, hermético, retirado do contexto. Ambos apresentam-se em certa medida como variáveis na medida em que se constituem das múltiplas relações com outras categorias, como condição econômica, classe social, gênero, raça e etnia etc. Como observou Philippe Ariés, ao inaugurar o campo em questão com a publicação de *História social criança e da família*, as idades da infância até a juventude não são etapas única e exclusivamente marcadas pelo fator biológico dentro de uma concepção cronológica de desenvolvimento. Antes, deve-se incluir como fundamental as dimensões social e histórica como igualmente determinantes neste processo.

A questão de como se dão os processos de socialização, em que pese ao poder que exercem as instituições sobre estas fases compõe um panorama de temas e recortes investigativos que interessam a diversos campos do conhecimento, como a psicologia, filosofia, educação e a sociologia. No âmbito da sociologia da educação – ramo da sociologia que toma os fenômenos educacionais como objetos – interessam sobremaneira as duas principais instituições relativas à socialização de crianças e jovens: a família e a escola. Durkheim reconhece na família a instituição em que ocorre o processo da primeira socialização.

Embora a sociologia de Durkheim faça referências à infância, estas só aparecem de modo indireto, já que a preocupação do autor reside mais sobre os processos de socialização, como o de coerção, do que sobre os sentidos resultantes desta relação. A infância, como categoria social, desenvolveu-se, portanto, em fins do século XX, alcançando maior visibilidade nos anos 1990, embora existisse a nomenclatura “sociologia da infância” desde os anos 1930 (Qvortrup, 1995 *apud* Sarmiento, 2008).

Dentre os aspectos que merecem destaque, observa-se que tanto a infância quanto a juventude, ao receberem o olhar rigoroso do campo científico, adquiriram, *pari passu*, a possibilidade de protagonizar espaços sociais antes exclusivos à vida adulta. Do ponto de vista

¹ A sociologia emprega o conceito de juventude em contraposição ao de adolescência, mais próximo às dimensões da psicologia e biologia. (Sarmiento, 2005, p. 18).

educacional, a abordagem tradicional, intelectualista, ao ser fortemente criticada pelos seus métodos arcaicos, impõe, sob o movimento da Escola Nova, uma educação centrada na ideia do aluno. A este, como por um reconhecimento tardio e sob os auspícios do liberalismo em ascensão, lhe é conferida, em sentido de restituição, uma autonomia jamais conhecida. O protagonismo torna-se elemento central, não só na escola, mas também – desta vez amparada pelas psicologias modernas – no âmbito familiar.

Sarmento observa que grande parte dos estudos da sociologia da infância tem se ocupado em compreender os fenômenos como “pequenos mundos”, dando ênfase especialmente as abordagens etnográficas de caráter interdisciplinar, estabelecendo vínculos com a antropologia, a psicologia, as ciências da educação, além de áreas como a economia, a ciência política e a geografia. No Brasil, o debate acerca do tema tem dado enfoque especial aos estudos de trajetórias escolares (Nogueira, 1998; Rocha, 2009; Souza, 2009; Freitas, 2011). No caso brasileiro, tem se dado atenção especial a temas relacionados às desigualdades sociais e diferenças de classes, bem como aos problemas decorrentes da diversidade étnico-racial e de gênero.

Bernard Lahire, precursor dos estudos que privilegiam os indivíduos no ambiente social, sugere um programa para uma Sociologia da Infância, prescrevendo duas linhas de desenvolvimento:

- o estudo das socializações (familiares, escolares, nos grupos de pares, ou nas instituições culturais, desportivas, políticas, religiosas) e os processos de interiorização das relações de autoridade, das disposições sócio-políticas, das disposições culturais-cognitivas, dos quadros de valores culturais e morais;
- o estudo dos fenômenos de transferibilidade das disposições mentais e comportamentais entre universos distintos de inserção infantil e adolescente e de tensão de disposições contraditórias entre quadros socializadores parcial ou completamente incompatíveis (Sarmento apud Lahire, 2005, P. 306).

De acordo com Visser (2017), o método de socioanálise desenvolvido por Lahire, tem como preocupação central penetrar na singularidade, isto é, de realiza-se em “escala individual” com o objetivo de compreender de que modo disposições individuais se constituem a partir de um conjunto de variáveis da sociedade. Em outras palavras, consiste em compreender, por meio de um caso particular, o funcionamento de uma estrutura mais ampla e mais complexa. Esta mudança de perspectiva, de aterrissagem por meio de um paraquedas em direção a pontos particulares – para usar uma metáfora do próprio autor – desemboca naquilo que Lahire chamou de “processos de socialização” (Visser, 2017, p. 250).

Jessé Souza (2009) chamou a atenção para os processos de reprodução presentes na instituição escolar destacando o raciocínio economicista, que trata os indivíduos como categoria

absoluta, descolada da realidade e contexto, colocando-se como uma panaceia diante dos problemas relativos à escola. Pensada de modo isolado, como uma abstração, a escola segundo o autor vai apenas legitimar, com o “carimbo do Estado” e anuência de toda a sociedade, todo o processo social opaco de produção de indivíduos “nascidos para o sucesso”, de um lado, e dos indivíduos “nascidos para o fracasso”, de outro (Souza, 2009, p. 17)”. Esta é a razão pela qual o raciocínio economicista, ao contrário de contribuir para a redução das desigualdades, corrobora para sua maior intensificação justamente porque lhe escapam os pormenores que somente podem ser vistos sob uma abordagem empírica, colocando o pesquisador em contato direto com a realidade.

Nesta linha, o sociólogo desenvolve, em *A Ralé Brasileira: quem é e como vive* e em *Os Batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* análises acerca da infância e juventude em suas relações com instituições como a família e a escola, o mercado de trabalho, espaços de lazer etc. Em um capítulo da primeira obra, *O crente e o delinquente*, de Rocha e Torres (2009), lemos a seguinte passagem:

E foi pelos 15 anos que Carlos trocou o videogame pelo baile funk e pelas “cachorras”, a bolinha de gude na rua pelo bate-papo na esquina, e a correria atrás de pipas “laçadas” pela “correria” para passar umas “treta” e descolar um dinheiro. A exclusividade do lúdico na infância transforma-se, com a chegada da adolescência, na exclusividade do hedonismo, um lúdico que já passou pela puberdade. São aquelas mesmas tendências a sentir, pensar e agir focadas na satisfação imediata, cultivadas em Carlos durante a infância, que permanecem aqui, só que agora aplicadas a brincadeiras mais excitantes e mais perigosas: “as cachorras”, as brigas entre “facções”, as drogas, as “correria” da bandidagem [ROCHA e TORRES 2009, p. 218].

A lógica da reprodução, vista sob a singularidade da história de vida de Carlos, manifesta-se por meio de um fluxo contínuo pautado no imediatismo sem correlação com qualquer coisa que se constitua como um projeto para o futuro. A vida de Carlos, desde sempre voltada ao lúdico sem qualquer tipo de expectativa, sem nada que lhe exigisse um determinado tipo de devolutiva – seja por meio de êxito escolar, aprovação em exames, etc. – se perpetua no mesmo sentido, apenas alinhando-se à semântica da puberdade.

Como a maior parte dos filhos da ralé não possui incentivo familiar que lhes desperte disposições para hábitos intelectuais, como leitura e escrita, na escola esta possibilidade encontra forte resistência, já que o comportamento dos alunos reproduz o de casa. Em uma passagem do capítulo de Maciel e Grillo, o informante explica: “É um pocando a cara do outro dentro do colégio, pai já entrou dentro de sala pra bater em aluno (...) e eles chegam em casa

tudo nervoso.” (Maciel e Grillo, 2009, p. 252) Como afirmam os autores, depreende-se desta relação “um encontro cotidiano de crianças emocionalmente destruídas” (Idem, 2009, p. 252).

Segundo Sarmento (2008), a Sociologia da Infância (e da Juventude) adquire grande visibilidade científica na medida em que, em seu epicentro há um paradoxo que se coloca como principal desafio à pesquisa contemporânea. Tal paradoxo reside na ideia de que, se por um lado a infância e juventude nunca antes na história foram compreendidos em seus processos internos de desenvolvimento face a suas trajetórias de vida – recebendo cuidados e atenções sensíveis a cada fase, por outro, nunca antes foram tão negligenciados, abandonados aos próprios recursos e segregados em condições de exclusão e sofrimento. Uma destas razões reside na própria reprodução do fracasso escolar, na miséria emocional a que são submetidos desde os primeiros anos de vida e que se estendem durante todo o processo de socialização até a fase adulta.

Os estudos por meio de histórias de vidas, no que tange a influência que a família exerce na socialização de crianças e jovens, ou de trajetórias escolares, em que se amalgamam variáveis da vida familiar e social face aos processos de socialização escolar, permitem adensar o debate na medida em que aproxima dados biográficos, da vida em seus pormenores, com as condições de cunho formal, como as questões que se encontram enraizadas à cultura escolar de modo implícito, por exemplo, quanto a necessidade tácita de concentração necessária para o aprendizado e para o desenvolvimento de certas disposições ou *habitus* que mais tarde terão papel decisivo quanto ao sucesso ou fracasso escolar.

Outro importante aspecto pode ser observado em Bourdieu (1986) quanto a sua consideração de que o “problema da juventude” surge na medida em que se conflagra um estado de crise no mercado de trabalho, produzindo novas desigualdades, já que estes, na medida em que não conseguem inserção, frustram suas expectativas após o processo de escolarização. Depreende-se deste problema, próprio desta fase da vida, uma série de consequências de segregação, uso abusivo de drogas e substâncias entorpecentes, álcool etc. O exemplo *bourdiesiano* explicita a insuficiência das abordagens que tomam as noções de infância ou juventude como conceitos em si absolutos, retirados de um contexto mais amplo.

QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS

Seguindo a concepção da microssociologia de Bernard Lahire, a compreensão a respeito da tensão relativa ao convívio multicultural, composto por diversas etnias, culturas e gêneros deveria levar em conta, em ambiente escolar, as nuances que se relevam na multiplicidade de

interações que são realizadas aos poucos entre seus diversos atores. Estudos de trajetórias escolares envolvendo alunos brancos e negros, por exemplo, ou de diferenças de gênero tem-se mostrado como um campo de grande potencial investigativo. A inserção nos currículos escolares de assuntos relativos às relações étnico-raciais e do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica produz sentidos sociais diversos que podem ser localizados no próprio âmbito escolar.

Interessa para a sociologia da educação os sentidos que as questões resultantes das diferenças e desigualdades étnico-raciais e de gênero produzem nas relações entre os sujeitos. De acordo com Souza:

Na verdade, o preconceito das sociedades centrais que se percebiam no século 19 como “racisticamente” superiores foi transformado em superioridade “cultural” precisamente pela contraposição entre a “racionalidade” (superior) e o “afeto” (inferior) típico das sociedades periféricas. O “racismo”, no entanto, apesar de disfarçado, continua na visão culturalista que também, como em todo racismo, “essencializa” e torna homogêneos indivíduos e sociedades inteiras [SOUZA, 2009, p. 57].

O sociólogo atenta para a perpetuação do racismo por meio da ciência e da cultura. A concepção culturalista, segundo seu entendimento, corrobora para a conservação da sociedade na medida em que é constituída, em seu núcleo, pela lógica da homogeneização, portanto do nivelamento dos indivíduos, presente também no discurso da diversidade. No mesmo livro, o capítulo *Cor e Dor Moral: sobre o racismo na ralé*, Emerson Rocha dá elementos empíricos e teóricos a respeito do tema, fundamentais para a compreensão de processos “finos” que se manifestam nas relações sociais acerca das diferenças de raça, etnia e gênero. Segundo Rocha:

É muito comum se ouvir dizer que, para a mulher negra, o sofrimento é “duplo”, “soma-se” ao racismo de gênero o racismo propriamente de “raça”. O curioso a ser percebido é que a ideia rasteira de que os dois preconceitos “se somam” não explica nada sobre como uma coisa influi na outra, mas, pelo simples fato de se falar na soma entre dois termos, nós tomamos a assertiva como algo de muito próprio. O fetiche do número, da impressão de precisão oferecida de modo fácil por operações lógicas simples como a adição, nos seduz tanto que nos contentamos com frases que não encerram significado algum desde que essas invoquem a autoridade da matemática [ROCHA, 2009, p. 373].

O que o autor propõe a partir desta passagem é que, no que tange à mulher, uma vez que esta encontra-se de modo mais arraigado à categoria da estética em comparação ao homem – que goza de maior liberdade sobre tal aspecto – encontra-se como vítima fatal de segregação estética. Como o autor diz: “não se trata aqui apenas de uma opressão exterior às mulheres, mas a algo que toca profundamente a construção da sua própria “identidade” (Rocha, 2009, p. 374).

Este é um dos pontos que estabelecem relação de crucial importância no ambiente escolar – espaço plural, embora não livre de colisões entre a reprodução de ideologias liberais conservadoras – agudizadas pela onda da extrema direita – e os sentidos relativos à emancipação e reconhecimento do outro em busca de um espaço de harmonia social. O assunto acerca das diferenças e desigualdades étnico-raciais e de gênero manifesta-se nas sociedades contemporâneas sob diversas formas; e é necessário ao pesquisador localizar os diversos temas que se depreendem de tais questões para trazê-las ao debate acadêmico. Questões de segregação, preconceito, humilhação, que no ambiente escolar são psicologizadas pela lógica do *bullying* – reduzidas, portanto, a problemas de constituições psíquicas (em que pese o distanciamento do campo em relação à sociologia) – compõe o amplo leque temático que exige olhares da sociologia interpretativa, como mostra o esclarecedor capítulo de Rocha. Acerca da relação com a sexualidade que as meninas pobres estabelecem, o autor analisa:

Ali entre aquelas jovens, encontra-se na verdade o esforço para encontrar qualquer critério de reconhecimento social que elas estejam em condições de preencher. Elas procuram na afirmação de que estão muito dispostas a darem um “chá de cu” (e não só “de chereca”) uma fonte para o reconhecimento social que lhes é negado, e não a realização de “taras” pessoais idiossincráticas. É isso que define a heteronomia da sua condição. Não apenas a sua condição de classe, mas a sua “feiura”, a qual lhes tira qualquer chance de serem “princesinhas” e que, ao fim e ao cabo, lhes relega a condição de carne de terceira ou quarta categoria, lhes deixa como único recurso para obterem alguma forma de reconhecimento, para simplesmente serem tocadas, para simplesmente verem alguma relevância em sua própria existência sendo confirmada por um outro ser humano, a oferta heteronômica do próprio corpo para a satisfação de “taras” diante das quais muitas das mais belas estão em plena condição de barganhar e/ou recusar [ROCHA, 2009, p. 377].

O ponto em questão não esbarra simplesmente no aspecto moral, relativo as taras sexuais etc. A questão passa pela diferença de classes com que é tratado o tema. Enquanto nas classes mais favorecidas, a menina é educada para preservar a intimidade, controlar o jogo simbólico da conquista sexual, barganhar ou recusar, como diz o próprio autor; na ralé, o que há é uma exposição arbitrária, expressando uma falsa liberdade sexual cujo sentido aponta, no fundo, um “esforço para encontrar qualquer critério de reconhecimento social que elas estejam em condições de preencher” (Rocha, 2009, p.377).

Estes e outros temas, decorrentes da realidade brasileira – especialmente considerando os elevados índices de desigualdade social – constituem graves problemas contemporâneos que, às expensas de serem compreendidos pelos diversos ramos do conhecimento, encontram fecundo terreno conceitual na sociologia, dadas as características e consequências que são essencialmente marcadas pelas relações sociais e pelo fluxo da construção cultural no decurso

do tempo. Ainda sobre a questão de gênero e racismo, Rocha observa, por meio das trajetórias de duas jovens afrodescendentes a importância do afeto como uma espécie de disposição para engajar-se em luta por reconhecimento, que difere da jovem pertencente à *ralé*. Segundo ele:

Tal é a distância entre Lídia e Alessandra que narrei já há algumas páginas: Lídia ainda recebeu afeto dos pais, ia bem na escola, e por isso é confiante o bastante para impor seu próprio senso de autorrespeito e autoestima contra os maus-tratos racistas que sofre dos outros e de si mesma. Lídia pôde rivalizar com o racismo. Já Alessandra viveu sob condições familiares bastante precárias do ponto de vista do equilíbrio emocional e não possui a menor chance de sucesso na escola. Ela não tem muito de onde retirar vigor moral para rivalizar com o racismo [ROCHA, 2009, p. 376].

Face a ideia contemporânea das identidades, a diversidade revestiu-se de tema de primeira importância, especialmente nas sociedades constituídas pela colonização europeia. Decorre deste fato, a questão pela qual diversos grupos reforçaram traços de sua cultura local, bem como suas identidades étnicas, raciais, culturais e religiosas. Neste sentido, políticas de homogeneização, pautadas no âmbito da diversidade, quanto de contenção, pautada nos pressupostos das diferenças, marca o cenário contemporâneo e inaugura um debate profícuo acerca de seus desdobramentos, especialmente em relação à missão da escola diante destas questões.

O tema de investigação que tem por objetivo compreender que papel ocupa a educação frente as diferenças e desigualdades étnico-raciais e de gênero, dada a contemporaneidade e emergência da pauta política nas sociedades atuais, é o que melhor expressa a clássica dualidade entre natureza e cultura – noção cara à sociologia –, conforme observa Lahire:

A expressão “construção social da realidade” é bastante instigante para os estudantes de Sociologia. Eu fui aluno de sociologia e sei o que isso causa. Fala-se de construção social do gênero, de construção social da moeda, de construção social do tempo, de construção social de tudo... E isso tem inegavelmente um efeito desnaturalizante em relação ao que geralmente se considera uma realidade evidente, natural: por exemplo, quando os economistas falam de mercado, tem-se a impressão de que se trata da natureza, “a natureza é a selva, isso é bem conhecido, e a selva é o mercado, que supostamente sempre existiu” [LAHIRE, 2015, p. 296].

Nesta perspectiva, a questão passa pelo entendimento da constituição de raça quanto a gênero como construções sociais e historicamente determinadas. É sob este *corpus* epistemológico, demasiado amplo é verdade, que se assentam as discussões decorrentes de suas imbricações e arranjos teóricos e práticos; cabendo destaque à ideia de cultura como categoria central em que perpassa toda a reflexão a respeito. Vale observar, como aventam Rodrigues e Abramowicz (2013), para a acepção que os termos diversidade e diferença ocupam no cálculo

político, podendo tanto servir, no primeiro caso, para um processo de homogeneização em direção a um nivelamento como “estratégia política de esvaziamento e/ou apaziguamento das diferenças e das desigualdades” (Rodrigues; Abramowicz, 2013); quanto como um reforçador das diferenças, por meio do incentivo a uma cultura de consumo que reforça as diferenças. Neste liame conceitual, a questão move-se em diferentes sentidos quanto as formulações de políticas públicas. No âmbito da educação, a questão depara-se com a mesma missão: a de buscar formas que contribuam para a convivência harmônica entre pessoas de culturas diferentes, como indica a UNESCO.

Nilma Lino Gomes, em um artigo intitulado “Movimento negro e educação, ressignificando e politizando a raça”, debate a respeito da importância do movimento negro brasileiro quanto aos processos de ressignificação e politização da noção de raça. A autora corrobora com a abordagem que entende a raça como construção social que contribui na formação estrutural e estruturante da sociedade brasileira. Neste contexto, a autora destaca a importância da escola como instituição de forte penetração social no sentido de fortalecer a educação do próprio movimento, mas também o Estado e a sociedade de modo geral. A educação, neste sentido, possuiria uma conotação política próxima ao sentido atribuído por Adorno em *Educação e Emancipação*. A razão central de seu argumento reside na abordagem pós-colonialista, em que se debate acerca dos países que possuem herança colonial, privilegiando as relações de poder que se projetam em sentido da conservação social, servindo-se de instituições como a escola, para a perpetuação de seus interesses.

Em outro trabalho, Trinidad (2012) problematiza os sentidos da aprovação da Lei n. 10.639/2003 e suas diretrizes, bem como seus desdobramentos relativos à alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), cujas mudanças geraram transformações a tal ponto significativas que passaram a mudar a política educacional brasileira. De acordo com os autores, os sentidos relativos a obrigatoriedade da educação sobre as relações étnico-raciais e do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica confirma a presença histórica do preconceito, discriminação racial e racismo na sociedade brasileira – ideia que se distancia do entendimento difundido por Gilberto Freyre, de que não haveria, no Brasil, discriminação ou preconceito já que o processo de miscigenação nacional teria produzido, segundo sua análise, uma democracia racial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste ensaio consistiu na apresentação de encaminhamentos de pesquisa acerca de problemas relacionados à infância e adolescência e suas interfaces com as questões étnico-raciais e de gênero. Destacamos a importância da “construção do objeto” de investigação que considere a complexidade temática onde se localizam seus principais problemas, especialmente se levarmos em conta seus aspectos sociais e históricos.

A complexidade com que são constituídos estes objetos ou propostas investigativas encontram, na sociologia, elementos metodológicos e conceituais que permitem compreender os sentidos decorrentes à luz da contemporaneidade. Neste sentido, enfatizamos a abordagem da microsociologia como possibilidade investigativa para o enfrentamento destas questões, especialmente pelo mergulho à realidade local e a análise minuciosa que tais abordagens propiciam, permitindo compreender, por meio de detalhes finos, o modo de funcionamento da dinâmica social.

. As diversas passagens trazidas neste texto são exemplos do cotidiano que permitem a compreensão de fenômenos mais complexos e abrangentes. Quando não vistos sob o olhar treinado e conceitualmente embasado das ciências humanas tais fenômenos possuem o risco de serem tomados como banais; produções simbólicas frias e pueris. Como efeito colateral, contudo, determinados fenômenos atuam como vetores de corroboração à lógica meritocrática e excludente dos grupos minoritários cuja consequência está implicada na reprodução do modelo eurocêntrico e normativo da sociedade. Em outras palavras, faz parte das engrenagens da reprodução a qual o pesquisador deste ramo deve redobrar sua atenção.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. In: ADORNO, T. W. Educação e Emancipação. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo e outros ensaios. **O que é o contemporâneo**. Chapecó, SC. Argos, 2010.

ALIGHIERO MANACORDA, M. **II princípio educativo in Gramsci**. Roma: Armando, 1970.

ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. **A crise na Educação**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Hedra, 2010.

_____. **As regras do método sociológico**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARVALHO, Alonso Bezerra. **Max Weber: modernidade, ciência e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 41ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LAHIRE, Bernard. **Dossiê Bernard Lahire**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

LAHIRE, Bernard. Entrevista Bernard Lahire. **Sociologias**. Porto Alegre, v. 17, n. 38, p. 280-302, 2015.

MARX, Karl. **Textos sobre Educação e Ensino**. 5ª ed. São Paulo: Centauro, 2006.

O ENIGMA DE KASPAR HAUSER. Werner Herzog. Alemanha, 1974.

POPPER, Karl Raimund. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 1975.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

WEBER, Max. **Essencial Sociologia**. 1ª ed. **Ciência como Vocação**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos Editora, 1982.

SOBRE O AUTOR E A AUTORA

Fernando Lionel Quiroga

Professor da Universidade Estadual de Goiás/UEG, Fundamentos da Educação. Vinculado ao Instituto Acadêmico de Educação e Licenciaturas. Doutor e Mestre em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo/UNIFESP.

Beatriz Aparecida Paolucci

Graduada em Pedagogia (Faculdade de Pinhais) e em Educação Física pela Faculdade de Educação Física de Sorocaba – FEFISO; Especialista da Educação, Coordenação e Supervisão escolar pela FAPI. É professora da Educação Básica da Prefeitura de Goiânia (Profissional de educação II). Tem experiência profissional como professora PEB I e na área da Educação Física escolar e em academias/personal training e ginástica laboral. Atualmente desenvolve pesquisa em nível de mestrado acadêmico pela Universidade Federal de Goiás - FEFD - Faculdade de Educação Física e Dança na linha de pesquisa Aspectos Socioculturais e Pedagógicos da Educação Física e Esporte.

Recebido em novembro de 2021.
Aceito para publicação em julho de 2022.
Publicado em agosto de 2022.